

CAPÍTULO IX

GRANDEZA E FRAQUEZA DE RENÉ GUÉNON

A morte de René Guénon chamou a atenção sôbre uma obra que se deve considerar como uma das mais singulares desta época. Ela se situa tão completamente fora da mentalidade moderna, choca tão violentamente os hábitos mais inveterados que se apresenta como um corpo estranho no mundo intelectual de hoje. Mas a grandeza de Guénon está precisamente em ter sabido desembaraçar-se completamente dos preconceitos da época e de ter elaborado sua obra na solidão com um rigor inflexível. O que é certo é que êle tocou nos problemas mais essenciais de hoje, quais sejam, o da civilização técnica e das ameaças que ela comporta, o da organização da sociedade econômica e política. Fê-lo ao mesmo tempo de modo irritante e profundo, mas que não pode deixar ninguém indiferente. Sua obra encerra uma parte de verdade. Tem também limites que a tornam inaceitável a um cristão.

Uma primeira verdade da obra de Guénon é a reabilitação do conhecimento simbólico em face do conhecimento científico. Nesse ponto, talvez mais do que em qualquer outro, ela choca a mentalidade hodierna. Para um homem formado nos métodos positivos da química ou da astronomia, voltar à alquimia e à astrologia parece absurdo. Guénon pensa que todo o espírito moderno está empenhado num inenso desvío e que há mais verdade essencial na astrologia, com tôdas as suas ingenuidades, que na astronomia, com tôda a sua técnica. Trata-se aqui, com efeito, de uma diferença de plano. Tôda a ciência do mundo pode alargar as dimensões da gaiola onde se acha o homem: mas não pode fazê-lo sair dessa gaiola. A intuição simbólica, ao contrário, à qual as realidades do mundo material nos

fazem ajuntar uma realidade que as ultrapassa, tem um valor mais vital.

Entenda-se bem o que queremos dizer. Não se trata, para Guénon, de voltar à astrologia e à alquimia sob sua forma vulgar de pseudo-ciência. Mas trata-se de compreender que os astros ou os metais nos interessam mais profundamente pela sua significação que pelo uso material que dêles podemos fazer ou pelos elementos que os compõem. Em uma das mais belas páginas do *Rei do Mundo*, Guénon fala da esmeralda caída da frente de Lúcifer e na qual está talhada o Graal. Pode-se considerar uma esmeralda do ponto de vista de seu valor comercial; é o que faz o comerciante ou o proprietário, que a guarda em seu cofre. Pode-se considerá-la do ponto de vista de suas propriedades materiais: é o que faz o químico; mas o que há de mais real na esmeralda é a significação de sua côr e de sua consistência; e é o que apanha o alquimista.

Pode-se dizer outro tanto de outros domínios. A astronomia esclarece-nos sòmente sôbre a mecânica celeste. Mas permanecemos na superfície das coisas. O mundo astral está repleto de significações. E são essas significações que é necessário revelar. Guénon bem viu que o movimento dos astros não devia ser considerado como o arquétipo das realidades terrestres, mas que êsse movimento era mais pròpriamente o símbolo das realidades de outra ordem. Essa observação encontra-se com o pensamento de Mircéa Eliade, quando êste mostra que não são aos astros em si mesmos que adoram os representantes das religiões astrais, mas que o céu visível é uma "hierofania" através da qual o mundo espiritual é manifestado. Estamos aqui no oposto de uma astrologia vulgar, que consideraria a existência humana como condicionada pelos astros.

Geometria e matemática são o objeto de uma mesma crítica. As figuras geométricas não importam sòmente pelas relações numéricas que apresentam; têm também um valor qualitativo e estão na origem de tôdas as formas de figuração simbólica. Entre essa formas, Guénon apegou-se especialmente ao simbolismo da cruz. Voltaremos a êsse ponto. É preciso dizer a mesma coisa da matemática. Ao lado de uma ciência dos números, há uma simbólica dos números. Guénon afirma que não é sem razão que o número 7 ou o número 40 representam na religião bíblica um papel tão notável. Êles constituem uma verdadeira linguagem. E seu interêsse provém do fato de essa linguagem não ser puramente convencional e arbi-

trária, mas repousar sobre propriedades naturais dos números, como era o caso das figuras geométricas ou grupos estelares.

Isso sugere uma observação importante: as diferentes tradições apresentam-nos os mesmos símbolos ou símbolos vizinhos. A que atribuir essa permanência? A concepção de uma transmissão positiva a partir de uma origem comum é pouco aceitável. Talvez Guénon — e é um dos pontos contestáveis de sua concepção — pareça, por vêzes, sustentá-la. É muito mais satisfatório ver aí, com Mircéa Eliade, o fato de os símbolos serem fundados sobre a natureza mesma das realidades visíveis e do espírito humano, de modo que êste dá espontaneamente as mesmas significações aos mesmos objetos. Há, portanto, uma simbólica universal, natural, que as tradições testemunham. Esta simbólica não é, porém, algo congelado. Os símbolos são realidades vivas na consciência coletiva. É todo um mundo cuja exploração apenas começamos.

Nesta simbólica tradicional, Guénon faz entrar a simbólica cristã. Êle aproxima a simbólica da cruz na Índia e no Cristianismo. Observa que o número dos doze apóstolos atesta a importância atribuída ao número doze, que aparece, por outro lado, na doutrina dos signos do zodíaco. A veste branca do Papa atesta um valor da côr branca, que se encontra em tôdas as religiões. Há, portanto, analogias seguras. Elas levam Guénon a ver no Cristianismo uma das formas da tradição primordial e a interessar-se no Cristianismo pelo que tem em comum com as outras tradições. E é aí que começamos a não poder mais segui-lo. O Cristianismo reconhece perfeitamente a existência de uma simbólica natural, que se liga à religião cósmica, quer dizer, a esta revelação de Deus através do mundo invisível, acessível a todos os homens, do qual falamos acima.

Mas o Cristianismo é precisamente coisa diferente. É uma irrupção de Deus na História, um acontecimento radicalmente nôvo. Se a cruz tem uma tal importância para êle, não é, em primeiro lugar, por causa de seu valor simbólico, é porque Cristo morreu sobre um patíbulo composto de dois pedaços de madeira. E êsse dado histórico está em primeiro lugar. Como êsse patíbulo tinha vagamente a forma de uma cruz, a liturgia carregou-o ulteriormente de todo o simbolismo natural da cruz, como significando as quatro dimensões ou o eixo do mundo. Assinalou-se alhures que a cruz de Jesus Cristo tinha valor de redenção universal. Mas êsses simbo-

lismos são secundários em relação aos fatos históricos. E essa importância do Cristianismo como novidade absoluta que Guénon desconhece inteiramente.

Assim também isso não é de admirar, pois essa condenação de toda a História é parte essencial de seu pensamento. E este é o segundo ponto a considerar no qual igualmente o excelente e o detestável se unem estranhamente. Façamos, em primeiro lugar, do excelente. Sentimos profunda satisfação quando vemos Guénon condenar com violência sem igual as ideologias modernas do progresso da evolução, do historicismo. Pensamos com ele que é absurdo crer que o desenvolvimento da ciência traz uma transformação qualitativa da humanidade. Guénon vai mais longe e vê nela a marca de uma decadência. A partir do século XVI, essa decadência acentua-se. Tocamos um grave problema. A ciência, como tal, e não somente em seus costumes culpáveis, na medida em que assume uma importância desproporcionada em relação à sabedoria, não arrasta o mundo, inevitavelmente, a catástrofes? A solução de Guénon pode parecer radical. Contudo a questão não pode ser resolvida no sentido de um fácil otimismo.

É preciso reconhecer, ainda, todo o alcance da corajosa crítica de Guénon aos preconceitos mais inveterados e mais nefastos do mundo moderno. Esperando alguma salvação da ciência, o homem desvia-se de seus verdadeiros meios de salvação. E aqueles que o entretêm nesta ilusão, sejam eles marxistas ou liberais, são os verdadeiros responsáveis pela miséria do mundo moderno. É verdade que as noções de progresso científico, de evolução biológica são desprovidas de toda incidência espiritual. É verdade que a hipertrofia do pensamento científico desvia o homem moderno da intuição intelectual dos valores metafísicos. E' verdade que, no plano natural, o desenvolvimento do tempo não traz ao homem nada de essencial, pois o essencial são os princípios da metafísica, que são imutáveis.

Não há nada de essencial que seja novo na ordem natural. Mas não se dá o mesmo no plano cristão. Pois aqui estamos em presença de acontecimentos que mudam qualitativamente a existência humana e constituem uma novidade absoluta. Basta reler São Paulo para ver quão freqüentemente os termos "nova criação", "novo homem" se repetem em seu texto. Há, portanto, elementos que a tradição anterior não possuía, uma promoção espiritual. Esta promoção corresponde à passagem do

conhecimento de Deus pelo mundo visível, à revelação de sua vida íntima em Jesus Cristo. Por conseguinte, aqui somente, mas aqui no sentido mais amplo do termo, existe História. Guénon não viu isso. Para êle o Cristianismo não é uma realidade privilegiada. E ter-se êle tornado finalmente muçulmano é bem a prova disso.

Isso nos conduz ao último aspecto de seu pensamento, aquêle referente às relações da ciência, da sabedoria e da fé. Aqui ainda a parte positiva de seu pensamento impressiona em primeiro lugar. Contra o relativismo e o pragmatismo modernos, Guénon restaura o valor do pensamento especulativo, ao mesmo tempo em sua importância e em seu valor. A realidade suprema é o mundo das idéias eternas do qual as coisas sensíveis são o reflexo. A atividade mais alta do homem é a intuição dessas essências. Guénon encontra aqui a contemplação platônica. Só o conhecimento dessas verdades eternas pode permitir organizar as coisas humanas com sabedoria. Os que possuem êsse conhecimento constituem a autoridade espiritual. Guénon restaura uma concepção hierárquica da sociedade. E choca-se novamente contra um dogma moderno, qual seja, o da democracia e do suífrágio universal. A autoridade espiritual é composta pelos que possuem a tradição. Ela subsiste eminentemente no "rei do mundo", que é o arquétipo ideal. Ela se encarna visivelmente em certas personagens. O Soberano Pontífice representa a êsse respeito, para Guénon, uma dessas autoridades. E êste é um dos aspectos do Catolicismo que êle mais defende, enquanto vê no Protestantismo uma perversão do Cristianismo autêntico.

Mas qual é a tradição cujos depositários são as autoridades espirituais? É propriamente a tradição dos princípios intelectuais. Êsses princípios são, antes de mais nada, os da filosofia da Índia, do Vedanta, ao qual Guénon consagrou sua primeira obra. Esta é a verdade suprema. Já no plano filosófico isso não deixa de suscitar inquietude. Pois a filosofia da Índia deixa-nos incertos sobre dados tão essenciais como a transcendência absoluta de Deus, a imortalidade pessoal, a criação. Entretanto o que aparece mais ainda é que a verdade superior é de ordem filosófica. As religiões, e em particular os grandes monoteísmos mediterrâneos, são uma espécie de compromisso entre a pura verdade metafísica e as necessidades afetivas dos homens, que precisam ter misticismos e liturgias. Essa transposição da relação, que une metafísica e

revelação. constitui a fraqueza, o erro principal da obra de Guénon.

E é aí que se enxerta o problema, tão importante em sua obra, do esoterismo. Pode-se compreender por essa palavra duas coisas absolutamente distintas. De uma parte, no interior de uma religião, pode-se considerar que há aspectos misteriosos que não podem ser imprudentemente mostrados aos principiantes. Tal era a explicação do Cântico dos Cânticos no judaísmo: tais, no Catolicismo, os caminhos da mística. Não se trata de outras doutrinas, mas somente de penetração da mesma realidade. A gnose prolonga a fé para São Paulo. Nada é mais oposto ao Cristianismo que a distinção de cristãos de primeira e de segundas zonas. É o batismo que constitui a iniciação. E o batizado sabe tudo o que deve saber. Ele não terá de receber uma segunda iniciação num sentido secreto dos ritos e dos dogmas.

Tem o esoterismo, com efeito, um segundo sentido, que é o que lhe dá Guénon. Consiste em dizer que, além da diversidade das religiões, existe uma doutrina oculta, comum a elas e cujo conhecimento é propriamente iniciador. É o que já encontramos na falsa gnose dos primeiros séculos cristãos. Aqui o conhecimento vulgar e o conhecimento superior têm um objeto diferente. Há uma doutrina secreta, absolutamente diversa da doutrina esotérica. E essa doutrina secreta não é o Cristianismo, tal qual o ensina o catecismo. É uma outra doutrina cujos dogmas são uma transcrição simbólica, mas na qual é preciso ser iniciado para conhecer o sentido oculto. E precisamente a oposição do exoterismo e do esoterismo reforça aquela da religião e da sabedoria. E somente a sabedoria dá verdadeiramente a salvação.

Vê-se porque a obra de Guénon é ao mesmo tempo tão importante e tão decepcionante. Ela nos atrai porque ele fala do que nos parece verdadeiramente interessante. Ela nos atrai porque Guénon denunciou com coragem erros que, acreditamos com ele, são as fontes profundas da decadência do mundo presente. Mas, se passamos ao pensamento positivo de Guénon, ele nos parece radicalmente incompatível com o Cristianismo. Esvazia, com efeito, seu próprio conteúdo: a afirmação do caráter absolutamente privilegiado da ressurreição de Jesus Cristo.